

UNIDADE 21 – 26/07/2016

ALFABETIZAÇÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL

- A compreensão do processo de alfabetização como um movimento contínuo de produção de textos, que se amplia e se complexifica ao longo do processo de escolarização.
- A discussão de movimentos de produção de textos pelas crianças desde o momento da escrita inicial.

O trabalho de produção textual na alfabetização

O espaço-tempo da alfabetização não se limita ao ano inicial do Ensino Fundamental. Ao contrário, amplia-se à medida que nos apropriamos de um repertório conceitual que demarca o letramento em Língua Portuguesa como um processo segundo o qual os conhecimentos escolares influenciam a vida cotidiana, e os conhecimentos de mundo demarcam modos específicos de interação com a leitura e a escrita. Assim, o tempo de ler, de falar e de escrever é o sempre, e a diversidade de comportamentos diante da cultura escrita será sempre uma marca em qualquer sala de aula.

Este entendimento tem como consequência um ideário metodológico que vislumbra TEXTOS REAIS como ponto de partida, como opção didática, e como objetivo no trabalho cotidiano de formação de leitores e escritores na Educação Básica. Tal ideário nos aponta, no mínimo, três aspectos essenciais ao professor contemporâneo:

A sala de aula é uma, mas o planejamento é diversificado

Ao assumirmos uma concepção de aprendizagem que se constrói contextualmente, nos voltamos para a diversidade cultural como condição humana. Assim, podemos afirmar que se as pessoas possuem histórias e experiências de vida diferentes, que lhes proporcionam modos variados de interação com o mundo, entendemos que seus modos de aprender também serão variados.

UNIDADE 21 – 26/07/2016

Ocorre, entretanto, que não basta ter esta clareza. Para que possamos cumprir os papéis de ensinar e de incluir socialmente, ao mesmo tempo é essencial que a sala de aula viva a diversidade em todos os aspectos que envolvem a rotina escolar, e aqui ressaltamos especialmente o planejamento pedagógico.

Tudo aquilo que selecionamos e planejamos como conteúdos e como procedimentos didático-metodológicos só faz sentido se atender pontualmente aos modos de aprender de nossos alunos. Portanto, faz parte do planejamento diversificado: a) estratégias que nos permitam conhecer o que os estudantes já sabem – o que inclui perguntar a eles como chegaram a determinado conceito, por que fizeram a escolha por determinada letra, palavra ou expressão, por exemplo. Isto significa identificar os estudantes como leitores e escritores durante todo o processo; b) objetivos que representem de fato os próximos passos na aprendizagem dos estudantes e, ousado dizer, estes objetivos não são os mesmos para todos na turma; c) propostas didático-metodológicas elaboradas a partir dos objetivos individuais e do que conhecemos sobre os modos de aprender dos alunos e sobre seus próprios conceitos em cultura escrita – não cabendo aqui as propostas que tomam como base aquilo que gostaríamos que os estudantes já soubessem.

O leitor e o escritor que pretendemos formar precisa combinar com o planejamento que produzimos

Quando traçamos os objetivos de ensino de Língua Portuguesa para os estudantes, necessariamente, vislumbramos um determinado comportamento de leitura, de escrita e de oralidade, que possa ser construído ao longo do trabalho desenvolvido em conjunto.

Desta forma, se pretendemos formar leitores e escritores, de textos e de mundo, com comportamento crítico, criativo, fluente e contextual, por exemplo, todo o planejamento produzido e realizado precisa dar condições para esta aprendizagem. Não combinará com este perfil um planejamento que se limita à localização de informações no texto, no que diz respeito à leitura, e à reprodução de textos cartilhados, no que diz respeito à escrita.

UNIDADE 21 – 26/07/2016

O conhecimento que os estudantes produzem em cultura escrita tem sua própria vida, tem sua escola, tem suas escolhas, tem sua história. Isto nos coloca antenados a uma perspectiva de produção de texto na alfabetização que dialogue com o mundo e com a cultura de cada um, entrelaçados na finalidade de formar leitores e escritores incluídos socialmente.

Os acertos e os erros de nossos alunos revelam como os estudantes pensam a leitura e a escrita.

A história da alfabetização no Brasil, há três décadas, nos apresenta este processo como um movimento contínuo produzido pelos estudantes, mas que fundamentalmente é sistematizado e assume os contornos padronizados pela cultura escrita no ambiente escolar. Trata-se de um ponto de vista que nos coloca, como professores, atentos à intencionalidade de tudo o que propomos em sala de aula.

Neste percurso, todas as propostas didático-metodológicas em alfabetização não são eleitas ao acaso ou a partir do senso comum, mas sim em função daquilo que pode representar uma contribuição para a aprendizagem dos estudantes. Isto se aplica desde a escolha do gênero textual às mediações que fazemos oralmente – e só se consolida como contribuição pedagógica quando promove uma real interação dos estudantes com a cultura escrita.

No que tange à produção textual, torna-se fundamental que saibamos diferenciar as marcas de escrita que os estudantes mostram em seus próprios textos e o que cada gênero textual pode proporcionar como oportunidade de reflexão sobre o sistema de escrita.

Quando valorizamos estes dois aspectos, contemplamos os conceitos que os estudantes já elaboraram sobre a escrita e buscamos, nos variados gêneros textuais e nas propostas de interação com estes textos, as estratégias didático-metodológicas para que elaborem novos conceitos e, assim, se aproximem cada vez mais da escrita convencional aceita socialmente.

UNIDADE 21 – 26/07/2016

Numa proposta de produção textual para estudantes de uma mesma turma, podemos encontrar textos que mostrem marcas de conceitos de escrita ainda não alfabética¹, marcas de desconhecimento de normas ortográficas, marcas de influência da oralidade sobre a escrita, marcas de especificidades fonético-fonológicas, marcas sociolinguisticamente motivadas, marcas que representam comportamentos psicomotores diferenciados, entre tantas outras.

Para cada marca de representação da escrita, como conceito reelaborado pelos estudantes em todo o seu processo de letramento em cultura escrita, as estratégias didático-metodológicas são diferenciadas, o que nos impõe o desafio de construir práticas pedagógicas sempre contextuais que atendam às demandas reais de nossa sala de aula.

De tal modo, se temos estudantes que produzem textos com predominância de marcas não-alfabéticas de escrita, podemos investir em propostas didático-metodológicas que contribuam para a reflexão sobre o sistema alfabético da escrita. Canções, cantigas, parlendas, poemas, quadras populares, adivinhas, trava-línguas, cordel e repente, por exemplo, são gêneros textuais que favorecem à memorização do texto completo, ou parte dele, para servir como referência para o ajuste do que se canta ou proclama ao texto escrito, à ordenação dos versos para compor o texto, à ordenação de letras ou sílabas para compor palavras do texto, e à transcrição do texto que está sendo analisado e trabalhado no decorrer de várias aulas. O objetivo é que os alunos tenham oportunidade de usar “formas” de escrita que mais se aproximem da escrita alfabética, ainda que elaborem a escrita em outras concepções nas demais propostas didáticas.

Por outro lado, se temos estudantes que já interagem com segurança no sistema de escrita alfabética e o objetivo é ampliar o seu repertório de modos de uso da escrita, podemos diversificar as leituras para análise e as produções textuais através de propostas claramente definidas para alguma função ou destinatário. São exemplos, entre outros: avisos para o mural, lembretes para as famílias, propagandas, convites, registros de atividades realizadas.

A leitura e a produção de textos de base narrativa, como outro gênero textual, podem ser úteis para a ampliação destas duas habilidades, quando se exploram o contexto de produção, a autoria, o assunto, a formatação, o vocabulário específico. Podem ser ainda mais abrangentes quando variamos a interação com contos de diferentes origens e estilos: de fadas, de repetição, de mistério, de aventura, populares, contemporâneos, acumulativos, árabes, africanos, indígenas e tantos outros. Estes contos podem motivar a produção de reescritas, a transcrição de trechos que

¹Por conceitos de escrita não alfabética nos referimos aos modos de representação da escrita que não correspondem aos princípios alfabéticos essenciais, como: uso de símbolos que não são letras, escolha aleatória de letras, quantidade de letras em disparidade do convencional, e relação fonema-grafema distanciada.

UNIDADE 21 – 26/07/2016

se repetem, a elaboração de contos autorais, as narrativas orais de vivências ou outras histórias lembradas a partir dos contos.

O trabalho de produção textual envolve ainda: pontuação, diagramação, tratamento do conteúdo, repertório de vocabulário, conhecimento do gênero, uso do espaço da escrita, seleção do portador da escrita, elaboração de títulos e seções. Estas marcas na escrita vão se configurando como consolidação da alfabetização e são acompanhadas da apropriação das normas ortográficas, da paulatina perda de traços de oralidade na forma da escrita e da produção sistemática ou espontânea de narrativas, e relatos de experiências em língua escrita.

Muitas vezes, no mesmo espaço da sala de aula, é necessário contemplar outros conceitos mais básicos de convenção da escrita alfabética. Algumas marcas de escrita requerem uma atuação didático-metodológica individualizada porque representam modos ainda mais específicos de interagir com a escrita, como acontece com a organização do texto no espaço do caderno, com o grafismo, com as relações fonemas-grafemas e com as marcas de oralidade, entre outras. Todos estes aspectos fazem parte da conceituação da alfabetização porque são princípios de identificação da estrutura formal do sistema de escrita alfabética e do emprego desta forma de escrita em registros de comunicação.

Como podemos observar, a produção de textos na alfabetização envolve aspectos de natureza social, cultural, linguística, fonológica, pedagógica e psicomotora. Ser aceito como cidadão alfabetizado, hoje, significa o domínio dos princípios básicos destes aspectos. Assim, o trabalho do professor se redimensiona diariamente, no desafio constante de formar seus alunos em uma cultura escrita que seja concomitantemente cultural, convencional e contemporânea.

Profa. Dra. Paula da Silva Vidal Cid Lopes

Professora-adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Área: Linguística Aplicada à Alfabetização e ao Letramento